

Zulato Barbosa, Patrícia; Rocha-Coutinho, Maria Lúcia
SER MULHER HOJE: A VISÃO DE MULHERES QUE NÃO DESEJAM TER FILHOS
Psicologia & Sociedade, vol. 24, núm. 3, septiembre-diciembre, 2012, pp. 577-587
Associação Brasileira de Psicologia Social
Minas Gerais, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326585010>

SER MULHER HOJE: A VISÃO DE MULHERES QUE NÃO DESEJAM TER FILHOS*

BEING A WOMAN NOWADAYS: THE PERCEPTION OF WOMEN WHO DO NOT WANT TO HAVE CHILDREN

Patrícia Zulato Barbosa e Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

Neste artigo apresentamos parte dos resultados de um estudo desenvolvido com mulheres cariocas de classe média, de diferentes faixas etárias, que afirmaram não desejar ter filhos. Foram utilizadas entrevistas semidirigidas, e os textos resultantes foram submetidos a uma análise de discurso. Focalizamos aqui os dados relativos ao que significa para elas ser mulher. Na visão das entrevistadas, no discurso social, a mulher ideal parece ser aquela que concilia realização profissional e maternidade, tarefa vista por elas como extremamente árdua. Pudemos observar em suas falas, contudo, que a identidade feminina parece estar atravessando hoje um momento de transição, em que o modelo tradicional da mulher-mãe, e mesmo o da mulher-mãe-profissional, vem sendo substituído por modelos contemporâneos mais fluidos, em que mulheres e homens podem e devem buscar seu próprio caminho e fazer suas próprias escolhas, alterando, inclusive, a qualquer momento, suas opções, numa tentativa de realizar sonhos, desejos e aspirações.

Palavras-chave: mulher; não-maternidade; identidade.

ABSTRACT

This article presents part of the results of a study developed with middle-class women from Rio de Janeiro from different age groups who do not want to have children. We used in-depth interviews and the resulting texts were submitted to a discourse analysis. We focused here on the data related to what it means to be a woman. According to them, although the ideal woman in social discourse is the one who conciliates professional fulfillment and motherhood, something considered to be very hard, they believe feminine identity is now going through a transition period in which the traditional models of the woman-mother and of the woman-mother-professional are being substituted by more fluid contemporary models in which women may and should follow their own paths and make their own choices and even change their options, so as to accomplish new dreams, desires and aspirations.

Keywords: woman; non-motherhood; identity.

Introdução

Nas últimas décadas, grandes e aceleradas mudanças podem ser observadas nos mais diversos campos de nossa sociedade, seja na economia, na política ou na cultura. Tais mudanças alteraram de forma significativa a vivência pessoal e social dos indivíduos, como apontam Giddens (2002) e Petriani, (2005), atingindo, de maneira importante, a vida familiar, da concepção social de feminilidade às relações entre os sexos, às formas de conjugalidade, à própria visão da maternidade.

Dentre as mudanças mais significativas e de particular interesse para nosso estudo, estão as que ocorreram na relação da mulher com a maternidade

(Mansur, 2003; Moura & Araújo, 2004; Rocha-Coutinho, 2005; Scavone, 2001). Apesar de a maioria das mulheres acabar por se tornar mãe em algum momento da sua vida, tem havido uma tendência crescente entre elas a adiar ou a optar por não ter filhos, como vem sendo apontado em estudos os mais diversos, como os de Abranches (1990), Barbosa e Rocha-Coutinho (2007), Bonini-Vieira (1997), Daniluk (1999), Gillespie (2003), Letherby (2002), Mansur (2003), Morell (2000), Morrisette e Spain (1991), Park (2005) e Wagner (2000), entre outros.

A fim de melhor entendermos as novas formas de se conceber a maternidade, a família e a identidade feminina, a partir da visão de mulheres que afirmam não desejar ter filhos, foco deste artigo, não podemos

deixar de falar, ainda que de forma breve e sem o necessário aprofundamento e crítica, sobre as mudanças e continuidades pelas quais as sociedades contemporâneas – como querem alguns, ou pós-modernas, como preferem outros – vêm passando e como elas vêm afetando a relação entre a maternidade e a identidade feminina.

De acordo com Moura e Araújo (2004), na modernidade se desenhou uma nova imagem da relação da mulher com a maternidade que perdurou durante vários séculos e que, de certa forma, continua presente até os nossos dias. A devoção e o sacrifício feminino em prol dos filhos e da família, bem como a presença constante e vigilante da mãe surgiram no discurso social como valores essenciais e inerentes à natureza feminina. Deu-se, na época, uma ampliação das responsabilidades maternas que se fez acompanhar por uma crescente valorização da mulher-mãe, e que acabou fazendo com que ela fosse vista, no período que se seguiu à II Guerra Mundial (Rocha-Coutinho, 1994), como a “rainha do lar”, ou seja, como um ser dotado de grande poder e respeitabilidade, ainda que esses traços não ultrapassassem o domínio doméstico. Certas características e capacidades especificamente femininas – como docilidade, abnegação, ternura, dedicação ao outro – foram, inclusive, demarcadas para assegurar a permanência feminina no espaço fechado do lar, tomando-se como base a inscrição da maternidade no corpo feminino, que supostamente estabeleceria uma relação natural da mãe com a criança.

A definição destas características femininas associadas ao papel de mãe caminhou paralelamente a uma discriminação em massa das mulheres, uma vez que, por conta disso, a elas foram negadas todas as capacidades socialmente valorizadas na esfera pública. Tal fato acabou por afastá-las do mundo do poder e dos negócios, e seus efeitos, em maior ou menor grau, ainda hoje podem ser sentidos. Assim, segundo Moura e Araújo (2004), se, por um lado, as novas responsabilidades da mulher conferiam-lhe um novo lugar na família e também na sociedade, afastar-se delas trazia uma enorme culpa, uma vez que isto supostamente contrariava a própria “natureza feminina”. Daí decorre, em grande parte, o fato do comportamento de mulheres que não tinham ou não desejavam ter filhos ser percebido como um desvio ou uma patologia.

Em grande parte, devido à visão da maternidade como atrelada a uma suposta natureza feminina, a mulher ficou, durante muito tempo, enclausurada no espaço doméstico, voltada, principalmente, para os

cuidados e a educação dos filhos. Tal fato dificultou, ou mesmo impossibilitou, que ela vislumbrasse outras possibilidades de vida, como a busca de uma carreira profissional, e de formas alternativas de exercício da maternidade, como o compartilhamento das responsabilidades, tarefas e cuidados da casa e dos filhos com seu companheiro (Rocha-Coutinho, 1994). Além disso, sendo a maternidade sua função maior, era inconcebível não apenas o seu adiamento como, mais ainda, a opção pela não maternidade. Assim, tão logo as mulheres se casavam, deveriam vir os filhos. Quando esses tardavam muito a chegar, elas eram geralmente vistas como vítimas de um destino biológico cruel que as impossibilitava de ter filhos (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007). Para Massi (1992), ainda hoje, as mulheres em nossa cultura são socializadas segundo essa ideologia patriarcal, em que se reserva ao homem o lugar do poder, do trabalho, da liberdade, da sexualidade, enquanto que a mulher deve se dedicar ao espaço doméstico, menos prestigiado, do recato e da dedicação à família, reservando-se para ela, desse modo, segundo a autora, uma inevitável “segunda categoria social” (p. 156).

O final da década de 1960 e o início da década de 1970, porém, como aponta Goldenberg (2001), constituíram marcos fundamentais nas transformações operadas nos papéis femininos e masculinos na sociedade brasileira. Nessa época, como aponta Rocha-Coutinho (2009), estudos sobre as questões de gênero – conceito este criado para reforçar a ideia de construção social, em oposição a sexo, que seria da ordem do biológico – buscaram desmitificar a ideia de uma natureza feminina e masculina. Homens e mulheres passaram, então, a ser pensados numa relação de alteridade, reforçando-se a concepção de que as características peculiares de cada um são, na realidade, socialmente construídas. Ou seja, cada cultura, em um momento histórico determinado, apropria-se da distinção biológica (macho/fêmea), seleciona e exacerba certos fatos naturais (como a função reprodutiva da mulher) e, assim, acaba por naturalizar funções que são, na verdade, fruto do tipo de educação e socialização de uma época.

Segundo Giddens (2002), o ritmo mais ou menos constante, profundo e rápido das mudanças, característico das instituições atuais, juntamente com o que o autor denominou de reflexividade da vida social moderna¹, fazem com que o comportamento aceitável, apropriado e recomendado hoje possa ser considerado de maneira diferente amanhã. Foi assim que o comportamento das mulheres em relação à maternidade e a seu espaço e posição na sociedade

pôde ser modificado, mesmo que não inteiramente. Isto porque, como afirma Goldenberg (2001) sobre a situação brasileira, viveu-se aqui, durante séculos, numa cultura escravagista e de silêncio feminino, tornando-se difícil modificar de forma rápida o que foi por tanto tempo interiorizado e incorporado como uma norma. Desse modo, para essa autora, assim como para outros autores que vêm se dedicando a estas questões (Jablonski, 1998; Negreiros & Féres-Carneiro, 2004; Rocha-Coutinho, 1994, 2003; Vaitzman, 1994), apesar de estarmos vivendo um processo bastante acelerado de transformação dos papéis masculinos e femininos na sociedade brasileira atual, mais do que uma ruptura definitiva com o passado, pode-se dizer que estamos atravessando um momento de transição, em que os antigos papéis continuam presentes, convivendo, no interior dos sujeitos, em níveis distintos de consciência, com esses novos papéis que estão sendo por eles incorporados.

No que diz respeito à questão da maternidade, segundo Scavone (2001), as possibilidades de escolha abertas às mulheres são relativamente recentes, tendo sido consolidadas apenas no decorrer do século XX, mais especialmente em sua segunda metade. Isto se deu, em grande parte, em decorrência dos avanços da industrialização e da urbanização e deve ser pensado em conexão com os processos sociais e econômicos, como a globalização, ocorridos na época, que contribuíram para acelerar a difusão de novos padrões de comportamento e de consumo. E aqui cabe mencionar a importância do surgimento e consumo crescente das novas tecnologias reprodutivas que ofereceram às mulheres a possibilidade de separar sexo de procriação, permitindo a elas escolher ser ou não mães e, no primeiro caso, decidir pelo número de filhos que desejam ter. Segundo Massi (1992), os métodos modernos e mais efetivos de contracepção auxiliaram a desvincular a função reprodutiva biológica do desejo de ter filhos. Para ela, contudo, isso, por si só, não é suficiente, uma vez que é preciso que a mulher esteja preparada para *desejar* outros projetos pessoais, profissionais e sociais. Nesse contexto, a maternidade, pelo menos para as mulheres das classes mais abastadas, passou a ser percebida como resultado de um processo de reflexão e decisão da mulher, ainda que influenciado por fatores relacionados a suas condições pessoais, econômicas e sociais, bem como às condições e desejos do casal, no caso de mulheres com um companheiro.

Nessa mesma direção, para Arán (2003), os principais fenômenos constitutivos dessa mudança são a crise da família nuclear burguesa, monogâmica e heterossexual, a entrada da mulher no mercado de

trabalho, a separação entre sexualidade e reprodução e uma política de visibilidade da homossexualidade. Todos esses fenômenos, segundo a autora, provocaram uma crise nas referências simbólicas organizadoras da sociedade moderna, principalmente por terem efetuado um deslocamento das fronteiras que associavam o homem ao espaço público e a mulher ao privado, configurando novas formas de se pensar a sexualidade, em especial, e os dois sexos, de modo geral.

Para Giddens (2002), as instituições modernas, em sua complexidade atual, diferem de todas as formas anteriores de ordem social. Seu dinamismo, o grau em que interferem nos hábitos e costumes tradicionais e seu impacto global são algumas de suas características marcantes e diferenciadoras. Para esse autor, na contemporaneidade, a natureza da própria vida social cotidiana foi radicalmente alterada, afetando, inclusive, os aspectos mais íntimos da existência dos indivíduos. Para ele, contudo, não apenas os novos mecanismos de formação de identidades pessoais são constituídos pelas instituições atuais, como estas, por sua vez, são também por eles afetadas e constituídas.

Biasoli-Alves (2000) assinala, no entanto, que, paralelamente a esse constante movimento de mudança, estudos recentes têm observado também uma série de continuidades nos valores, práticas e papéis sociais. Sendo assim, podemos afirmar que, no cenário atual, convivem, simultaneamente, fenômenos diferenciados e, até mesmo, contraditórios. Esta convivência de posições contrastantes pode ser observada, inclusive, no interior das famílias e dos próprios indivíduos, como aponta Petrini (2005). Segundo Dubar (2005), isso se dá porque nos encontramos em um período em que a incerteza quanto ao futuro domina as tentativas de reconstrução de novos padrões sociais, uma vez que os padrões de outrora já não nos convêm, e os de amanhã ainda não foram estabelecidos.

Segundo Almeida (1987), uma possibilidade interessante de se verificar os efeitos desse processo acelerado de mudança por que vêm passando as sociedades seria fazer um estudo sobre a forma como as pessoas, em geral, e as mulheres, em particular, veem hoje a maternidade, um dos pilares da identidade feminina durante séculos. E, aqui, podemos acrescentar também que uma das formas especiais de se observar essas mudanças seria estar atento para as rupturas e continuidades nesta visão. A autora, ao discutir a situação da família brasileira, buscando elementos que pudessem conduzir à construção de um novo modelo de maternidade, identificou um processo de nuclearização da família em nosso país associado à ideologia individualista, bem como o desaparecimento das diferenças hierárquicas como princípio organizador

das experiências sociais e familiares. Assim, nos pares homem/mulher, pai/mãe, marido/esposa, adulto/criança, esses elementos não mais têm seus papéis estabelecidos apenas com base nas diferenças de sexo, idade e posição, fatores que eram preponderantes na antiga hierarquia familiar.

A partir de uma perspectiva psicossocial, como a que se está assumindo neste estudo, elementos de ordem pessoal, interpessoal e social são considerados importantes para a constituição de nossa realidade. Dessa forma, todo objeto de estudo deve ser pensado em sua complexidade, o que, em um momento de transição como o que vivemos hoje, significa que ele deve levar em conta tanto o que se mantém, isto é, o que reproduz o modelo vigente, como também as mudanças surgidas, isto é, o que rompe com esse modelo. Além disso, devem-se considerar também as consequências dessa convivência de diferentes modelos, ou, até mesmo, da ausência de modelos, para a construção dos sujeitos e das sociedades atuais.

A fim de melhor entendermos essas mudanças, desenvolvemos uma pesquisa com mulheres que afirmam não querer ter filhos em que focalizamos, em especial, o que elas pensam sobre o que é ser mulher no momento atual e como se sentem em relação à maternidade e à família. Além disso, observamos como essas mulheres acreditam que o discurso social e as pessoas à sua volta veem seu papel e posição na sociedade, tendo em vista que o discurso dominante tem sido construído de forma a impor certas visões de mundo, no caso, a visão dominante que atrela a feminilidade à maternidade. Neste texto focalizaremos, em especial, os dados relativos à visão dessas mulheres acerca do que é ser mulher na contemporaneidade, fazendo menção, contudo, aos dados relativos às outras categorias de análise do nosso estudo, sempre que importantes para uma melhor compreensão da questão aqui focalizada.

Nosso estudo

Foram entrevistadas individualmente oito mulheres brasileiras de classe média, residentes na cidade do Rio de Janeiro, que afirmaram não desejar ter filhos, sendo duas delas na faixa dos 20 aos 30 anos, duas na faixa dos 30 aos 40, duas na faixa dos 40 aos 50 e duas na faixa dos 50 aos 60. Segue-se uma breve caracterização das entrevistadas²: Geisa, 58 anos, casada³ há 18 anos, aposentada, possui formação inicial em administração de empresas e comércio exterior e recentemente cursou fisioterapia; Lúcia, 52 anos, divorciada, mora sozinha, é assistente social,

funcionária pública e professora e no momento está fazendo também doutorado; Denise, 46 anos, solteira, mora com a sobrinha, atua há três anos como psicóloga, mas durante muitos anos trabalhou em um banco; Adriana, 44 anos, solteira, é formada em desenho industrial e atua como *designer* de joias em uma grande empresa do ramo; Sandra, 39 anos, solteira, mora com a mãe e o padrasto, é psicóloga clínica e no momento está fazendo mestrado; Cíntia, 36 anos, casada⁴, é bióloga e no momento está fazendo doutorado; Tatiana, 28 anos, solteira, divide apartamento com amigos, é médica e no momento está terminando a residência em psiquiatria; Gabriela, 26 anos, solteira, mora com a tia, é psicóloga e no momento trabalha na área de recursos humanos e faz dois cursos de pós-graduação, um na área de gestão e outro na área clínica.

Fizemos uso de entrevistas semidirigidas, que foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra, e os textos daí resultantes foram submetidos a uma análise de discurso (Rocha-Coutinho, 1998) a partir das seguintes categorias: Visão de Família e Maternidade; Opção por Não Ter Filhos; e Ser Mulher. Neste artigo, como assinalamos antes, focalizaremos, em especial, os dados relativos a esta última categoria.

Análise e discussão dos resultados

Na categoria *Ser Mulher* procuramos observar o que as entrevistadas consideram importante na vida de uma mulher atual, se percebem diferenças entre o que é importante na vida de mulheres e homens, se acreditam que houve mudanças nesses papéis e se a sociedade vê essas questões da mesma forma que elas. Buscamos, ainda, entender se elas se sentem mulheres realizadas e quais são as suas expectativas para o futuro.

As entrevistadas apontaram como pontos importantes na vida da mulher contemporânea, de modo geral, a realização profissional, a vida afetiva, as relações familiares e de amizade, a saúde e os momentos de lazer, em que podem se dedicar a algo que lhes dê prazer, como se pode observar nas falas a seguir:

Eu acho importante a vida afetiva, o trabalho, as amizades, e se você tem uma família de origem ou constituiu uma família, mas no meu caso a minha rede de amigos que eu construí ao longo da minha vida é até mais importante do que a minha família de origem, porque eu não tenho mais pais ... acho que o trabalho é muito importante e tudo na mesma medida, ... você tá bem profissionalmente e não ter um amor também não é legal [riso], e não ter amigos, enfim, acho que tem que equilibrar tudo, ... é você ter um

bom trabalho, é você ter um amor, e amigos, isso é que é o meu patrimônio. (Lúcia, 52 anos, divorciada)

"Importante? Para mim? Eu acho a saúde e a carreira. Pra mim são as duas coisas, assim, mais importantes" (Sandra, 39 anos, solteira).

Cara, profissão, ... porque eu acho que ... à medida que a gente tem uma profissão, que a gente consegue se estabelecer, e aí é financeiramente mesmo, aí que a gente consegue quebrar um pouco essa forma como a sociedade nos vê, eu vejo, prá mim isso é o mais importante, não sei se isso fica no geral, mas é o que eu, eu penso. (Cíntia, 36 anos, casada)

Gabriela (26 anos, solteira) enfatizou o fato de hoje a sociedade esperar demais da mulher:

A mulher moderna agora ... tem que ter pós, mestrado, doutorado, tem que saber lavar, passar, cozinhar, tem que cuidar dos filhos bem, e sempre se manter como dizem por aí no salto, ... sempre tá arrumada, não pode tá nada fora do lugar, né, exigem muito, principalmente agora assim que a gente tá trabalhando fora, que a gente tá estudando, cada vez mais impondo um monte de coisas prá gente, eu acredito que a mulher não tem mais nem terceira jornada, é quarta, quinta jornada, chega em casa e ainda tem que cuidar de um monte de coisa.

Já Tatiana (28 anos, solteira) afirmou não gostar de visões estereotipadas sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, apontando a satisfação no trabalho, o lazer e o amor – não necessariamente o casamento – como importantes na vida de mulheres e homens:

Eu sempre acho difícil ... essas divisões assim tipo ... o que é importante prá uma mulher, ... não sei, eu diria o que é importante prá todo mundo, né, [riso], enfim, trabalho, né, que a pessoa, que você minimamente se sinta bem fazendo aquilo e que aquilo não tome o tempo todo da sua vida, ... que sobre tempo prá outras coisas, prá se divertir mesmo, ... então tem que ter tempo prá essas coisas que eu acho que são tão ou mais importantes na verdade que o trabalho, acho que mais, ee, enfim, amor, né, [riso] ... não necessariamente casamento.

Cíntia (36 anos, casada) e Adriana (44 anos, solteira) também afirmaram procurar sempre ver a mulher como um ser humano em pé de igualdade com o homem:

Ahn, é um ser atuante, né, ... não tem como não ser mais atuante, mesmo que não tenha filho ou tenha filho, hoje em dia tem que participar de tudo, né, tem que decidir tudo, tem que trabalhar, tem que opinar, tem que existir plenamente mesmo como ser humano, acho que não dá nem prá dividir homem e mulher. (Adriana)

Para Cíntia (36 anos, casada), a sociedade insiste em marcar as diferenças entre os sexos. Embora elas existam, são reforçadas e percebidas como desigualdades pela sociedade e, assim, são incorporadas pelos indivíduos durante o seu processo de formação:

Eu procuro ver a mulher antes de qualquer coisa como ser humano ... tentando ver a questão da igualdade de direitos e de potencialidade com o homem ... agora eu acho que não dá prá negar que a gente é mais cobrada em algumas coisas, né, e ao mesmo tempo colocada em escanteio prá outras, né, eu não sei dizer assim o que é ser mulher, mas eu acho que ... é pensar como ser humano, ... agora tendo ciência dessa diferença que a sociedade nos vê, né, principalmente nesse sentido de cobrança, ... que vai cuidar do marido, vai passar roupa, e ao mesmo tempo de ficar um pouquinho escanteada quando os assuntos são outros, né, de direção, de negócio ... Não é dizer que é igual não, nós temos diferenças físicas mesmo ... mas são questões biológicas né, agora aquelas questões ligadas ao intelecto ..., isso aí eu procuro ver como, de pau a pau, ... agora termina tendo algumas diferenças por questão de formação ... e não porque a gente é assim, né.

Também para Gabriela (26 anos, solteira), desde o início da socialização, são reforçados os futuros papéis da mulher como dona de casa, mãe e esposa e aquelas que fogem a esses padrões são vistas com estranhamento e desconfiança:

Somos educadas desde cedo, né, a ser mãe, protetoras, cuidadoras e na infância, nós, as meninas, ganhamos ... bonecas ... e temos que cuidar, trocar fraldas, dar banho, dar carinho, dar beijinho, dar colo, cuidar como filhas, que nem sonhávamos em ter, ee como uma continuidade a essas brincadeiras somos estimuladas a brincar de casinha, cuidar da casa, fazer comidinha, arrumar as roupas do marido, cuidar dos filhos e agradar os maridos, e somos mãe, esposas. E qualquer movimento que se distancie dessa educação é visto como – nossa, que estranho, que diferente.

Denise (46 anos, solteira), por sua vez, afirmou que, apesar da suposta igualdade entre os sexos estar mais próxima atualmente, ser mulher ainda não é “fácil”:

Hoje o papel da mulher está muito misturado com o do homem, as mulheres conquistaram um lugar no mercado de trabalho que não se diferencia mais dos homens apesar da gente saber que a remuneração é diferenciada, né, hoje as mulheres tomam a frente nas conquistas, pagam as contas do restaurante, do motel, são as guerreiras que não podem ser mais frágeis, mesmo sabendo que sofremos muito por conta disso, pois às vezes precisamos de colo, mas o que

mais me assusta nisso é perceber que os homens estão gostando disso e muitas vezes se acomodam, fugindo de responsabilidades com a família. Ser mulher hoje, então, eu acho que, que é ter que trabalhar, cuidar da casa, da educação dos filhos e ser a amante que os homens desejam. É ... não está fácil ser mulher hoje em dia.

Sandra (39 anos, solteira) afirmou que, para ela, ser mulher é, acima de tudo, ser forte para atuar, sobreviver e se impor na sociedade atual, ressaltando, contudo, que a sociedade tem outra visão de mulher:

Ser mulher para mim ... é ser forte acima de tudo, que as pressões sociais não são fáceis e ainda há uma cultura familiar que ... é muito repressora, ... Ser mulher ... é poder usar tudo o que for a meu favor para sobreviver, eu posso escolher os meus caminhos e tomar minhas decisões, mas isto exige muito mais força, mais determinação ... O queCitação2 é ser mulher para a sociedade geral já é outra conversa, a sociedade ainda espera e quer uma mulher que trabalhe, seja fiel, seja feliz, tenha uma família.

Adriana (44 anos, solteira) tem uma visão um pouco distinta a respeito do que é ser mulher e sobre as mudanças constantes pelas quais a mulher vem passando, atribuindo à mulher características especiais e próprias do feminino que, segundo ela, encontrariam explicação na cabala, a cujo estudo vem se dedicando ultimamente:

Teve uma mudança muito grande, ... que não pára, acho que o legal é isso, é você tá sempre, éé, se renovando e a mulher tem essa facilidade, da renovação, da emoção sempre constante, né, por mais que ela hoje seja ou executiva, ou uma empresária, ou uma designer, ou uma estudante, ... ela tá sempre se reciclando, ... é uma característica dela, ... isso é bacana na mulher, ... é como uma mola propulsora que ela ... não pára de jeito nenhum, ... eu estudo a cabala, ... e a mulher ... ela tem um receptor pra luz completo, ela não precisa do homem pra receber essa luz divina, ... mas o homem, pra receber a luz completamente ele precisa de ter a mulher ... não é toa que a mulher é especial, ... acho que o homem mudou muito, ... tá evoluindo, mas ... uma coisa que é inerente a mulher é isso, ... é uma força maior, eu não sei, eu acho que é orgânica pra dor, pra sentimento, pra tudo.

Ainda que tenham afirmado existir certa pressão sobre as mulheres para que tenham filho, as entrevistadas apontaram para uma mudança importante em relação às escolhas abertas à mulher hoje, o que reforça a posição de Scavone (2001), para quem a mulher atual tem outras opções de realização que não passam necessariamente pela maternidade:

Acho que a mulher pode se realizar de diferentes formas, ... sem necessariamente ter filhos, que a mulher eu acredito que seja alguém que se respeite, que se ame, que veja quais são as suas necessidades, as minhas ... são pro estudo, pro trabalho, que é o que eu tô batalhando, ... é o que eu quero, é o que eu busco, outras pessoas diriam que seriam filhos, isso não é prá mim, já vi que não, ... então, eu acho que a mulher é você parar, você buscar o que ... quer e tá respeitando isso, pôxa, não quero ter filho, então vou atrás do que eu quero, do que eu gosto. (Gabriela, 26 anos, solteira)

Acho que é mais uma opção, agora todo esse conjunto ainda faz parte, assim, a cobrança, né, essa questão de ser natural, que as pessoas dizem que é natural, ainda faz parte desse elenco, né, que ela vai tomar mãos prá poder fazer sua opção, se ela vai querer suportar ser cobrada ou não, essas coisas todas, mas é muito mais fácil tomar a opção por não ter filho, ou de protelar se for o caso. (Cíntia, 36 anos, casada)

As entrevistadas apontaram diferenças na vida da mulher atual e na vida da mulher de alguns anos atrás, referindo-se principalmente ao fato de a mulher de antigamente ter que casar, ter filhos e se dedicar a eles, enquanto que agora a maternidade já não ocupa lugar tão central na vida das mulheres e já se admite e incentiva sua atuação profissional:

Minha vó contando que mulher não saía nem prá trabalhar, mulher tinha que ficar em casa, minha vó teve 12 filhos, muita gente, ficava só em casa cuidando de todos esses filhos e nunca na vida dela passou pela cabeça sair, ... minha mãe que trabalhou desde cedo até, não quis nem terminar a faculdade, mas era uma coisa que sempre foi colocado, lá em casa somos três mulheres, ... antes de casar ... tem que ver primeiro a questão de estudo, ... tem que ter faculdade, tem que ter especialização, mestrado, sendo que prá elas não, ... minha avó não trabalhava fora, mas trabalhava em casa, minha mãe trabalhava fora e ainda trabalhava em casa e prá gente, não, sempre prá fora. (Gabriela, 26 anos, solteira)

Acho que naquela época eram duas coisas que dividiam, né, esse papel central, ser esposa, né, e ser mãe, ... era o pacote completo, e hoje em dia ... na vida da mulher, ... acho que a profissão, ... e quando eu falo profissão é pensando um pouco em formação, então a maternidade ela já não é tão central como era nas gerações passadas. (Cíntia, 36 anos, casada)

Para Sandra (39 anos, solteira), apesar da ideia da mulher se casar e ter filhos ainda se fazer muito presente, já se pode sentir uma mudança sutil no sentido de uma maior aceitação de que há outras escolhas abertas à mulher que também podem fazê-la feliz:

*Se eu for colocar numa balança, pesa muito mais as mulheres que ainda têm aquele ideal de família, filhos, e acha que isso é de todas as mulheres, mas eu encontro sim mulheres que ... têm uma visão parecida com a minha, mesmo que estejam casadas, tenham filhos, que vira e fala, ... isso é legal também, é uma possibilidade de vida, é uma escolha, é uma possibilidade **também** de ser feliz. Eu percebo uma mudança, ainda util, ... tem um grupo ... que consegue encarar isso com mais naturalidade.*

Segundo as entrevistadas, para a sociedade, a mulher ideal hoje é aquela que trabalha e é mãe:

É a mulher maravilha, ... Atualmente, ... a sociedade exige muito, se você ficar só em casa, não tá legal, mas se você ficar só trabalhando também não tá legal, você tem que ter um equilíbrio, ah, tem que dá conta dos dois, mas pô é difícil dá conta dos dois, e você fica perdida, você se sente uma barata tonta ali, vai prum lado vai pro outro. (Gabriela, 26 anos, solteira)

"Numa cidade grande, aqui no Rio de Janeiro, então, tem que ser bonita, bem sucedida, ter filho, casada, é muita coisa, né" (Lúcia, 52 anos, divorciada).

*"Prá sociedade considerar a mulher completa, ela tem que ser mãe, ... é mais importante que ter uma carreira profissional, muito mais. Ela **tem** que ter uma carreira profissional, mas ser mãe é essencial" (Sandra, 39 anos, solteira).*

Apesar das mudanças na visão do que é ser mulher a que se referem nossas entrevistadas, pode-se observar, como apontado por Biasoli-Alves (2000) em nossa introdução, a convivência simultânea, tanto no discurso social, de modo geral, como no discurso de conhecidos, amigos, familiares e delas próprias, de valores modernos – no caso, o investimento da mulher em uma carreira profissional – e antigos – a ideia de que só a maternidade dá completude à mulher.

Em relação à paternidade, as entrevistadas disseram perceber hoje uma maior participação dos homens na criação dos filhos. Apesar disso, segundo elas, muitas vezes, é mais fácil para o homem optar por ser pai do que para a mulher optar por ser mãe. Talvez isso se deva, pelo menos em parte, à menor participação do homem nas tarefas de casa e nos cuidados com os filhos, não prejudicando, assim, outros aspectos de sua vida, principalmente a carreira profissional, como acontece com as mães. Isso vai ao encontro da posição de Becker (1981, citado por Kemkes-Grottenthaler, 2003), para quem se, por um lado, os homens são a favor de um aumento da família, por outro, eles não são a favor de partilhar com as mulheres todas as responsabilidades que o nascimento de um filho acarreta. Assim, é a mãe que acaba se

envolvendo mais no cuidado das crianças, como se pode observar nas falas abaixo:

Existem homens que querem ter filhos, eu acho que até por conta que prá eles a paternidade ... não ocupar um tempo muito grande, né, ele pode lidar com o papel dele de pai sem que isso altere a vida dele profissional, eu acho que ele até deseja mais do que a mulher, a mulher não, por conta dessa história, né, a mulher tem sempre que abrir mão de um monte de coisas ... O pai [hoje] participa muito mais, né, a gente não pode negar, ... no sentido de cuidar, de tá ali, de não deixar a criação dos filhos só na mão da mulher, ... mas ... ainda não altera tanto a vida dele, porque se ele tiver que ir prum futebol, ele vai ... entendeu, e a mulher não consegue. ... lógico, há uma participação maior, é o que eu tô falando, tem algumas mudanças, mas aquelas coisinhas acabam se repetindo. (Denise, 46 anos, solteira)

Atualmente tem vários pais, homens, que tão batalhando na justiça pela guarda dos seus filhos, e realmente eles tomam conta, mas assim o que eu ouço, ... o que eu vejo por aí na sociedade em geral é difícil ver um homem que chega em casa e assume as mesmas responsabilidades que a mulher ou que vá tentar contribuir da mesma forma que ela, ... porque eu acredito que desde a educação pais e mães passam que lugar de homem não é tá contribuindo na casa. (Gabriela, 26 anos, solteira)

Gabriela (26 anos, solteira) também reforça a ideia que vem sendo apontada por pesquisadores na área (Rocha-Coutinho, 2003) de que, apesar de uma maior participação do pai, é à mãe que continua a caber a responsabilidade pelos cuidados da casa e dos filhos:

Muito mais lazer, médico eles vão, mas a mãe tá sempre presente, ... o pai ele tá ali, tá certo, tá sofrendo, é filho dele ... mas é muito mais o motorista, ele é que leva pra fazer as atividades, ... mas a questão de ... "e a tarefa, vão bora, vamos fazer a tarefa, vem sentar aqui comigo, deixa que eu te explico", isso sempre é passado prá mãe, pra ... alguém que faça essa função de mãe, os pais, ... tá sempre priorizando a ele, acho que os homens são um pouco mais egoístas.

Para Lúcia (52 anos, divorciada), está ocorrendo agora com a paternidade o mesmo que aconteceu com a maternidade há alguns anos atrás, ou seja, uma super-valorização dessa função, ou o que ela chamou de "boom da paternidade", e que pode, por vezes, levar o pai a disputar o filho com a mãe:

Acho que os homens estão vivendo o momento que a mulher viveu quando foi dado a ela o papel de rainha do lar, mãe, protetora, a gente sabe que houve um tempo em que o poder era do pai, a guarda, tudo, a ideia da mãe como a pessoa ideal prá criar os filhos foi construída socialmente num determinado

momento e eu acho que os pais tão vivendo esse boom da paternidade, ... e tão vivendo isso de uma forma muito, às vezes, ressentida por mulheres, ... acho que os homens tão disputando com as mulheres a maternidade, o filho, e às vezes de um lugar muito ressentido.

Segundo Geisa (58 anos, casada), há agora uma maior igualdade entre homens e mulheres, o quê, segundo ela, é bom para ambos:

Ah, eu acho que hoje em dia sim, eu acredito na igualdade, homem e mulher, nesse ponto, isso é, tanto prá um quanto prá outro eu acho que é fundamental, não faz diferença, o grau de satisfação é o mesmo, não tem mais essa da mulher se satisfazer em ser dona de casa ou coisa assim, tá em pé de igualdade.

Já para Denise (46 anos, solteira), Gabriela (26 anos, solteira) e Sandra (39 anos, solteira), apesar de algumas mudanças, ainda persiste, de alguma forma, a divisão tradicional de funções entre homens e mulheres, o que pode afetar, inclusive, a atuação profissional das mulheres:

Eu tenho uma prima que ... já tá no terceiro filho ... eles fizeram a mesma faculdade, trabalham juntos e o marido tá fazendo MBA e ela tá em casa, ... ela lutou muito prá ser profissional, né, e mesmo depois das gestações ... ela ia à luta porque ela queria trabalhar, ela queria tá no mercado, então, éé, eu vejo que realmente é bem difícil prá mulher e pro homem não. (Denise)

Tem algumas pessoas que conseguem ... ver pontos em comum entre homens e mulheres, a questão de responsabilidade em casa, ... isso é uma coisa muito difícil, ... pro homem é chegar em casa botar os pés em cima da mesinha de centro, pegar uma cerveja, sentar e ver televisão, e a mulher não, a mulher, "oh a criança tá lá chorando vai lá ver você, oh aquela bica ali tá pingando vai ver você", e ai de você pedir alguma ajuda nesse sentido de tá cuidando da casa, dos filhos ... tem pessoas que conseguem ter um ponto de equilíbrio, conseguem ajudar, ... é tudo muito relativo. (Gabriela)

Apesar de, assim, esse negócio de ah, a mulher ficar em casa cuidando da casa e dos filhos já não ser mais construído como era, até mesmo pela força econômica ... ainda tem essa diferenciação de papel, né, essa diferenciação de gênero, à mulher cabe ainda ... ficar com o filho, cuidar da casa, ter que trabalhar e ficar bonita e fogosa à noite, e o homem a carreira, prover, ter que se virar e ganhar mais dinheiro, ... eu ainda percebo isso, a mulher entrando mais como complemento. (Sandra)

Já Cíntia (36 anos, casada) acredita que a sociedade cobra mais do homem do que das mulheres

em termos de trabalho por ele ainda ser visto como o provedor da família, enquanto que a mulher seria responsável pela casa e os filhos. Assim, a mulher casada e com filhos que trabalha fora de casa é vista com muito respeito por estar realizando uma atividade além das que já lhe cabem "naturalmente" em casa:

Pensando do lado da sociedade eu acho que cobra mais ao homem, ainda, ... se a mulher é casada, né, se ela é mãe, né, tem a família, então ela já não é tão cobrada ... em relação a trabalho ... ter um trabalho é algo a mais que vai fazer com que as pessoas, né, olhem com mais respeito "Pô, mas você ... além de tudo isso ainda trabalha", né, mas não é aquela cobrança principal, o homem não, já é ... aquela coisa do provedor, ... então acho que a sociedade ainda vê isso muito bem definidinho assim, acho que não mudou, não, pode ter mudado na cabeça da gente, assim, de algumas pessoas, mas da sociedade em geral eu acho que não. (Cíntia)

Para Denise (46 anos, solteira), inclusive, os homens começaram a aceitar melhor a participação da mulher no mercado de trabalho e na divisão das despesas da casa devido à diminuição da pressão sobre ele, que agora deixou de ser o único provedor da família:

Eu acho até que os homens hoje em dia estão gostando mais dessa história da mulher trabalhar e eles estarem numa posição menos obrigatória de sustento da casa do que antes, eu acho que ele se sentia mais ameaçado, hoje eu acho que ... por conta da cultura, por conta de muitas coisas que estão mudando ... os homens hoje já estão aceitando, éé, que essa mulher possa partilhar com ele as despesas, o sustento mesmo da família, né, o que antigamente não, isso era compromisso do homem.

Tatiana (28 anos, solteira) e Sandra (39 anos, solteira) afirmaram que, em certos aspectos, se identificam mais com os homens, o que faz com que algumas pessoas achem que elas têm uma cabeça muito masculina:

Acaba sendo uma coisa por comparação, ... como eu não me identifico com essas coisas clichês femininas, né, eu tendo a achar que eu me identifico [mais com os homens], mas não sei ... se de fato eu me identifico, ... não me identifico é do clichê, e ... não é isso só, né, a mulher, ... quando começa aquela conversa ... de cabelo, de unha, né, de roupa ... eu não gosto ... não me sinto bem, como um homem não se sentiria eu acho, fica meio desconfortável naquela conversa, aí tipo quando eu tô conversando com homem a não ser que fique falando de futebol, que também é o clichê, né, ou sei lá de mulher, ou carro ... aí geralmente isso flui melhor, né, mas, isso ... se tiver o clichê de cada um dos dois então eu não vou me identificar com nada. (Tatiana)

Muitos colegas meus às vezes falam e muitas mulheres, amigas minhas, falam que eu tenho uma cabeça muito masculina, ... eu encontro muitos homens que querem sim casar e ter filhos, mas, engracado, eu percebo mais simpatia da parte deles quando surge esse assunto, quando eu digo que eu não quero nem me casar nem ter filhos ... Eu sou muito racional, é por isso que eu acho que as pessoas brincam dizendo que eu penso muito igual ao homem [risos], eu sou muito racional. (Sandra)

Finalmente, as entrevistadas, de modo geral, não mostram arrependimento em relação a suas opções de vida, mesmo tendo afirmado que sua realização pessoal ainda não está completa, o que não necessariamente se deu porque não têm filhos ou maridos, mas sim porque ainda têm muitos planos a concretizar:

Eu tive muitas conquistas, mas ... tô tentando me realizar, porque ... agora o importante é eu trabalhar na minha área, que tá muito difícil, ... porque a gente precisa se sustentar ... Eu já conquistei muitas coisas, ... só vou me sentir realizada quando eu disser – agora sim eu tô me sustentando. (Denise, 46 anos, solteira)

Eu tenho que realizar muita coisa ainda ... você não para, ... tem sempre que aprender, ... viver, conhecer, ... você tem sempre que tá ativa, ... tenho 24 anos de empresa, mas eu quero começar a aprender a costurar bolsa, [...] a pintar quadro, [...] daqui a pouco tô inventando outra coisa prá fazer, ... a vida é isso, é bonito, é o que você carrega, né, são as flores e são as cicatrizes, é tudo, né, não dá prá ficar parado, senão você morre, você murcha, né. (Adriana, 44 anos, solteira)

Sandra (39 anos, solteira) foi direta ao responder que se acha uma mulher realizada, apesar de também afirmar que ainda tem muitos planos a concretizar:

*Apesar de eu ainda ter muitos planos, ... eu diria que sim, ... dentro desse esquema que eu gosto, né, de viver um dia de cada vez, o meu hoje eu tô muito realizada, eu trabalho no que eu gosto, ... com todas as atribuições eu me sinto realizada, ... tranquila com as minhas escolhas, ... hoje eu gosto muito de como tá minha vida ... meus projetos, **hoje**, ..., éé, assim, conseguir me sustentar bem com a minha carreira, ... tô fazendo mestrado ... e isso tá me abrindo outros leques, ... tem outras possibilidades que estão acontecendo, então meu plano é isso, tá trabalhando no que eu gosto, como eu gosto, conseguir me sustentar bem com isso, conseguir realizar meus projetos, ... ter uma vida minimamente confortável, o meu projeto de vida é esse, eu conseguir ... ser feliz, isso prá mim é ser feliz ... viajar, conhecer pessoas novas, lugares novos, adquirir cultura, ... se eu terei ou não alguém do meu lado, ótimo se eu tiver, mas se eu não tiver também tudo bem, sabe, não tenho*

nenhum problema com relação a isso não ... se não tiver eu arrumo companhia [risos].

Sandra acrescentou, ainda, que estaria arrependida se tivesse tido filhos:

Essa minha questão foi uma construção ... sofrida porque a pressão não é fácil, mas hoje, ... com meu autoconhecimento eu vejo que na verdade vem lá de trás, sabe, minhas dúvidas já vieram lá de trás e ainda bem que eu tive muito medo de não ter condições financeiras de criar um filho e isso me ajudou a ganhar tempo pra amadurecer isso, porque senão hoje certamente eu estaria arrependida.

Cíntia (36 anos, casada) e Denise (46 anos, solteira) também afirmaram que, até o momento, não se arrependem de não ter tido filhos:

Hoje eu não vejo nada negativo, eu nunca me peguei até hoje ... dizendo “Puxa, se eu tivesse filho isso não ia acontecer”, né, ainda não, pode ser que um dia eu venha fazer isso, mas eu já me peguei dizendo “Ah, que bom que eu não tenho” [riso], várias vezes, várias vezes. (Cíntia)

*Prá mim fica cada vez mais claro, ... tô querendo me sentir realizada profissionalmente, **tenho** me sentido, ... isso prá mim foi sempre tão importante, ... tô realizada mais do que um filho, ... logicamente eu quero encontrar alguém, ... a gente sente falta, ... não vou dizer que não, mas o meu foco de realização tá aí, porque eu acho que as outras coisas acontecem quando você tá bem, se você fica bem, ... as coisas fluem, você vai encontrar alguém, nem que seja um namorado ... então, eu me realizando realmente profissionalmente acho que a coisa fica mais tranquila, ... esse é o meu foco de realização, mais que um filho, um marido, não busco, não penso “Ah, eu preciso arrumar alguém? ter um filho?” não. (Denise)*

Considerações finais

Na visão de nossas entrevistadas, para a maioria das mulheres e para a sociedade de modo geral, o ideal parece ainda residir numa tentativa da mulher de conciliar a maternidade e a realização profissional. Assim, a mulher hoje pode e deve encarnar novos papéis sem, contudo, abrir mão da maternidade, uma vez que só com a chegada de um filho ela se tornaria um ser verdadeiramente completo. Contudo, novas possibilidades parecem estar se abrindo a cada dia para as mulheres, entre elas a opção pela não maternidade.

As entrevistadas atribuíram importância às formas de socialização de mulheres e homens, algo considerado por elas como um fator determinante

tanto para a manutenção quanto para a transformação dos papéis exercidos por homens e mulheres não apenas no interior da família e no mercado de trabalho, como na sociedade, de modo geral. Em decorrência de mudanças na socialização das crianças, hoje já podemos observar, mesmo que de forma ainda incipiente, uma maior participação dos homens nas atividades domésticas e nos cuidados com os filhos, antes consideradas atividades de inteira responsabilidade das mulheres, bem como uma participação cada vez mais ampla das mulheres no provimento financeiro da família, que outrora cabia exclusivamente aos homens. A maioria de nossas entrevistadas, inclusive, apontou a realização profissional como um dos elementos mais importantes de sua realização pessoal.

Gostaríamos de chamar atenção aqui, mais uma vez, para o atual processo de mudança por que a sociedade vem passando nas últimas décadas, seja em relação ao que se entende por família e por maternidade/paternidade, seja no que diz respeito ao que é ser mulher e ser homem. Assim, apesar de as mulheres ainda sofrerem pressão para se casar e se tornar mães, parece que a maternidade, para muitas mulheres e homens atuais está começando a ser relativizada e, assim, a pressão para que sejam mães vem diminuindo. Além disso, parece que elas estão aprendendo a lidar melhor não apenas com essa pressão como também, e principalmente, com os sentimentos daí decorrentes.

A julgar pelo discurso de nossas entrevistadas, acreditamos ser possível afirmar que as mulheres hoje estão vivendo um momento de transição a que Lipovetsky (1997) denominou de o da “terceira mulher”, ou seja, algo que se encontra no *meio do caminho* entre a antiga mulher, que era vista e se percebia como inferior ao homem em todos os aspectos, e a mulher pós-feminismo, que se pretendia igual a ele em tudo. A mulher agora parece querer buscar seu próprio caminho, almejando sua independência e individualidade sem, necessariamente, abrir mão de um relacionamento com um homem que, assim como ela, valorize a igualdade de direitos e deveres entre os sexos e a divisão equitativa de tarefas e responsabilidades, sonhos e projetos.

Finalmente, podemos afirmar, a partir dos discursos de nossas entrevistadas, o quanto a experiência da não-maternidade é complexa e multideterminada e, do mesmo modo que a experiência da maternidade, envolve conflitos e ambivalências em diferentes níveis. E aqui cabe acrescentar que o estudo por nós realizado com essas mulheres sem filhos apontou também para a complexidade da natureza construída da chamada identidade feminina, mesmo que muitos dos traços e visões associados a ela continuem a ser amplamente

reforçados pelos mais diferentes discursos sociais, fazendo com que pareçam algo “natural”, como é o caso da associação entre ser mulher e ser mãe.

Para concluir, gostaríamos de reforçar a ideia de que a identidade feminina, entendida neste trabalho como uma construção social, está passando hoje por um momento de transição em que o modelo tradicional, que via a maternidade como condição obrigatória – uma vez que a mulher era definida principalmente como mãe –, vem sendo, aos poucos, substituído por um modelo mais atual, no qual a mulher pode ser definida *também* como mãe ou, ainda, no qual a maternidade não é uma condição necessária para se definir a mulher. Pode-se dizer, assim, que a maternidade hoje já começa a ser vista como um projeto, como uma opção pessoal, e não mais como definidor da identidade feminina, como destino obrigatório de toda mulher.

Notas

- * Este trabalho apresenta parte dos dados da Dissertação de Mestrado de Patrícia Zulato Barbosa, orientada pela professora Maria Lúcia Rocha-Coutinho, apresentada e aprovada no Programa EICOS do Instituto de Psicologia da UFRJ, tendo recebido Menção Honrosa no 4º Prêmio “Construindo a Igualdade de Gênero” do CNPq.
1. Segundo Giddens (2002), a reflexividade consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e revisadas através das novas informações sobre estas próprias práticas, alterando constitutivamente seu caráter. O *projeto reflexivo do eu* consiste em manter narrativas biográficas coerentes, embora continuamente examinadas e revisadas, o que tem lugar em um contexto, como o atual, de múltiplas escolhas.
 2. Os nomes das participantes foram alterados para preservar sua identidade, bem como todos os dados que pudessem facilitar sua identificação.
 3. Apesar de não ter formalizado o casamento, ela se diz casada e mora com o companheiro há 18 anos.
 4. Apesar de não ter formalizado o casamento da maneira tradicional, ela e o marido assinaram um termo de união estável.

Referências

- Abrances, M. R. J. (1990). *Maternidade: sim ou não? Por quê?* Dissertação de Mestrado, Centro de Pós-graduação de Psicologia, Instituto Superior de Estudos e Pesquisas, FGV, Rio de Janeiro.
- Almeida, M. I. M. (1987). *Maternidade: um destino inevitável?* Rio de Janeiro: Campus.
- Arán, M. (2003). Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Revista Estudos Feministas*, 11(2), 399-422.
- Barbosa, P. Z. & Rocha-Coutinho, M. L. (2007). Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. *Psicologia Clínica*, 19(1), 163-185.

- Biasoli-Alves, Z. M. M. (2000). Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, 16(3), 233-239.
- Bonini-Vieira, A. (1997). *Definidas pela negação, construídas na afirmação: a perspectiva de mulheres não mães sobre a maternidade e seu projeto de vida*. Dissertação de Mestrado em Psicosociologia de Comunidades e Ecologia Social, Programa EICOS, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Daniluk, J. C. (1999). When biology isn't destiny: Implications for the sexuality of women without children. *Canadian Journal of Counselling*, 33(2), 79-94.
- Dubar, C. (2005). *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais* (A. S. M. Silva, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade* (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1999)
- Gillespie, R. (2003). Childfree and feminine: Understanding the gender identity of voluntarily childless women. *Gender and Society*, 17(1), 122-136.
- Goldenberg, M. (2001). Sobre a invenção do casal. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 1(1), 89-104.
- Jablonski, B. (1998). *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Agir.
- Kemkes-Grottenthaler, A. (2003). Postponing or rejecting parenthood? Results of a survey among female academic professionals. *Journal of Biosocial Science*, 35(2), 213-226.
- Letherby, G. (2002). Childless and bereft? Stereotypes and realities in relation to 'voluntary' and 'involuntary' childlessness and womanhood. *Sociological Inquiry*, 72(1), 7-20.
- Lipovetsky, G. (1997). *A terceira mulher. Permanência e revolução do feminino* (M. L. Machado, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Mansur, L. H. B. (2003). Experiências de Mulheres sem Filhos: a Mulher singular no plural. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(4), 2-11.
- Massi, M. (1992). *Vida de mulheres: cotidiano e imaginário*. Rio de Janeiro: Imago.
- Morrell, C. (2000). Saying no: Women's experiences with reproductive refusal. *Feminism & Psychology*, 10(3), 313-322.
- Morrisette, H. & Spain, A. (1991). Voluntary childlessness: a critical review of the literature. *Canadian Journal of Counselling*, 25(4), 422-432.
- Moura, S. M. S. R. & Araújo, M. F. (2004). A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(1), 44-55.
- Negreiros, T. C. G. M. & Férres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na sociedade contemporânea. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 4(1), 34-47.
- Park, K. (2005). Choosing childlessness: Weber's typology of action and motives of the voluntary childless. *Sociological Inquiry*, 75(3), 372-402.
- Petrini, J. C. (2005). Mudanças sociais e familiares na atualidade: reflexões à luz da história social e da sociologia. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 8, 20-37.
- Acesso em 15 de outubro, 2006, em <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/petrini01.htm>
- Rocha-Coutinho, M. L. (1994). *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Rocha-Coutinho, M. L. (1998). A análise do discurso em Psicologia: algumas questões, problemas e limites. In L. Souza, M. F. Q. Freitas, & M. M. P. Rodrigues (Orgs.), *Psicologia: reflexões (im)pertinentes* (pp. 371-345). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2003). Quando o executivo é uma "dama": a mulher, a carreira e as relações familiares. In T. Férres-Carneiro (Org.), *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas* (pp. 57-78). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2005). Variações sobre um antigo tema: a maternidade para as mulheres com uma carreira profissional bem-sucedida. In T. Férres-Carneiro (Org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (pp. 122-137). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2009). Os estudos de gênero em psicologia e suas contribuições para o conhecimento humano e para a busca de uma cidadania plena: a mulher brasileira em cargos de liderança. In M. H. Fávero & C. Cunha (Orgs.), *Psicologia do conhecimento: o diálogo entre as ciências e a cidadania* (pp. 273-293). Brasília: UNESCO/Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília/Liber Livro Editora.
- Scavone, L. (2001). Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Revista Interface*, 5(8), 47-60.
- Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Wagner, M. (2000). Childless by choice? Ambivalence and the female identity. *Feminism & Psychology*, 10, 389-395.

Recebido em: 20/04/2010

1a. Revisão em: 03/10/2011

2a. Revisão em: 10/03/2012

Aceite em: 14/05/2012

Patrícia Zulato Barbosa é Mestre em Psicologia e Doutoranda em Psicologia pelo Programa EICOS - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Email: patzulato@yahoo.com.br

Maria Lúcia Rocha-Coutinho é Professora Associada do Programa EICOS/UFRJ e Professora Titular do Mestrado em Psicologia/UNIVERSO. Endereço: Rua Engenheiro Cortes Sigaud, 187 apt. 401. Leblon. Rio de Janeiro/RJ, Brasil. CEP 22450-150.
Email: mlrochac@imagelink.com.br

Como citar:

Zulato-Barbosa, P. & Rocha-Coutinho, M. L. (2012). Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), 577-587.